

editorial
editorial

entrevista
interview

artigos submetidos
submitted papers

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V!16

issn 2175-974x | ano 2018 year

semestre 01 semester



PT | EN

Amilcar Guidolim Vitor é Historiador e Doutor em História, professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Estuda e orienta pesquisas sobre a memória do patrimônio cultural.

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos é Historiador e Doutor em História Social e professor na Universidade Federal de Santa Maria. Estuda e orienta pesquisas nas áreas de história da integração latino-americana, história cultural, relações de poder, cultura e história, integração latino-americana e identidade latino-americana.

Como citar esse texto: Como citar este texto: VITOR, A. G.; SANTOS, J. R. Q. A coluna Prestes: disputas em torno da memória e do patrimônio. V!RUS, São Carlos, n. 16, 2018. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus16/?sec=4&item=8&lang=pt>. Acesso em: 16 Jul. 2018.

Resumo

Tanto a memória quanto o patrimônio cultural são campos multifacetados e expostos a processos de construção social, especialmente a partir de interesses de pessoas ou grupos. Buscando entendê-los sob uma perspectiva histórica que os reconhecem como um espaço de seleção e disputas do que deve ser lembrado ou esquecido, se expõe e analisa o caso do Memorial Coluna Prestes; localizado no município de Santo Ângelo, na região noroeste do Rio Grande do Sul, onde houveram acontecimentos importantes na década de 1920 que deram origem a marcha da Coluna Prestes. Depois de mais de setenta anos implantou-se um Memorial, gerando disputas e produção de representações pela legitimidade do passado, o que ocasionou um processo de construção da memória e do lugar de memória criado.

Palavras-chave: Memória, Patrimônio, Disputas, Coluna Prestes

Artigo derivado de pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

1 Introdução

Tanto a memória quanto o patrimônio, este entendido por François Hartog (2015, p. 193) como seu “alter ego”, são antes de tudo processos de construção social que evidenciam o quanto o passado é transformado não apenas em história, mas em memórias e em lugares de memória criados, que podem vir a ser reconhecidos como expressões do patrimônio cultural.

Neste contexto entendemos os campos da memória e do patrimônio como um universo de disputas ideológicas, políticas, simbólicas e de representações sociais do passado; buscando compreender como a memória e o patrimônio são construídos socialmente a partir de interesses e disputas do presente que colocam em cena grupos sociais com interpretações distintas acerca de acontecimentos ou personagens do passado. Assim, a memória é também um campo de litígio capaz de produzir embates por legitimidade, tendo em vista fazer lembrar e ratificar ou silenciar e negar.

Dessa forma, tratamos dessas questões analisando o caso do Memorial Coluna Prestes, inaugurado no município de Santo Ângelo, na região noroeste do Rio Grande do Sul em 1996, baseado nos acontecimentos da Coluna Prestes na década de 1920, que tiveram nesta cidade e região desdobramentos importantes. A Coluna Prestes foi uma marcha pelo interior do Brasil em oposição aos governos dos presidentes Artur Bernardes e Washington Luís, percorrendo aproximadamente vinte e cinco mil quilômetros em dois anos e três meses, entre outubro de 1924 e fevereiro de 1927.

A idealização e implantação do Memorial Coluna Prestes foi um processo que envolveu disputas entre grupos políticos locais. Esses reconheciam e ao mesmo negavam a importância do passado da Coluna Prestes em Santo Ângelo, especialmente influenciados por suas bases ideológicas que entendiam o passado da Coluna ou da militância política de Luiz Carlos Prestes, sua principal liderança, de maneiras distintas.

Desse modo, esses grupos representaram o passado da Coluna de Luiz Carlos Prestes e do Memorial Coluna Prestes conforme seus interesses, legitimando o Memorial como um espaço de memória e patrimônio ou negando sua importância para a cidade. Por meio de canais de representação, especialmente meios de comunicação locais, se tinha um passado a ser lembrado e ao mesmo tempo esquecido.

Assim, verificamos que o Memorial Coluna Prestes foi um lugar de memória construído socialmente, baseado em acontecimentos do passado que acabaram por promover disputas pela legitimidade, seja do passado em si ou do próprio Memorial enquanto lugar de memória e patrimônio, evidenciando o quanto a memória se constitui em construção social.

2 A Coluna Prestes na região Noroeste do Rio Grande do Sul e a implantação do Memorial Coluna Prestes

A Coluna Prestes foi um movimento rebelde da década de 1920 importante no processo de desestabilização do sistema político da Primeira República (período de 1889 à 1930). Na região noroeste do Rio Grande do Sul, especialmente no município de Santo Ângelo, o movimento rebelde que deu origem a Coluna Prestes foi articulado e organizado por Luiz Carlos Prestes. Prestes, o então capitão engenheiro do exército, havia sido transferido para a cidade depois de revoltas militares ocorridas em julho de 1922 no Rio de Janeiro na esteira do Movimento Tenentista. Passariam à história sob a denominação de Tenentismo, pelo fato de seus participantes serem, em sua maioria, Tenentes e Capitães do Exército (PRESTES, 1997, p. 69).

Em Santo Ângelo, Luiz Carlos Prestes liderou as ações rebeldes em outubro de 1924 a partir de outros levantes contra o governo iniciados em julho do mesmo ano, principalmente em São Paulo. Em 1925, rebeldes do Rio Grande do Sul e de São Paulo reuniram-se no Paraná e a partir dali formou-se um movimento de oposição ao presidente Artur Bernardes, que tinha como grande objetivo destituí-lo do poder e promover aquilo que chamavam de moralização da política brasileira. O movimento passou a empreender uma marcha pelo interior do Brasil que teve a duração de dois anos e três meses, entre outubro de 1924 e fevereiro de 1927, percorrendo aproximadamente vinte e cinco mil quilômetros, passando por todas as regiões do país até se exilar na Bolívia (PRESTES, 1997).

Passados mais de 70 anos do fim da marcha da Coluna Prestes, foi inaugurado, em dezembro de 1996, sob iniciativa da administração municipal do Prefeito de Santo Ângelo, Adroaldo Loureiro, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), e contando com a colaboração da família do segundo casamento de Luiz Carlos Prestes com Maria do Carmo Ribeiro Prestes, o Memorial Coluna Prestes (Fig.1); espaço dedicado a rememorar, representar e demarcar a cidade de onde teria partido a marcha da Coluna Prestes em 1924.



Fig. 1. Prédio da antiga estação ferroviária de Santo Ângelo, que atualmente abriga o acervo do Memorial Coluna Prestes. Fonte: Amílcar Guidolim Vitor, 2016.

O Memorial e seu acervo foram implantados no prédio da antiga estação ferroviária de Santo Ângelo, inaugurada em 1921. A iniciativa de escolher o prédio para abrigar o Memorial esteve vinculada à ideia de que o espaço já representava uma importância cultural para o município em função de seu tombamento por lei municipal em 1984. Como não haveria recursos para a construção de um prédio próprio para o Memorial, a antiga estação foi reestruturada para receber o acervo sobre a Coluna Prestes e Luiz Carlos Prestes.

Também foi inaugurado na entrada da cidade um monumento (Fig. 2) em homenagem a Coluna Prestes, de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer. A partir de um encontro com o prefeito de Santo Ângelo, Adroaldo Loureiro, no Rio de Janeiro, Niemeyer se comprometeu com o projeto. O fato de um dos maiores arquitetos da história do Brasil ter sido o autor da obra foi um dos argumentos utilizados pelos idealizadores do projeto para ratificar a importância do Memorial Coluna Prestes para Santo Ângelo.



Fig. 2. Monumento em homenagem a Coluna Prestes na entrada do município de Santo Ângelo projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Fonte: Amílcar Guidolim Vitor, 2018.

A idealização e criação do Memorial Coluna Prestes tiveram como objetivos, de acordo com os seus idealizadores, rememorar e homenagear os acontecimentos rebeldes de 1924 em Santo Ângelo que deram origem à marcha da Coluna Prestes e a importância histórica da figura política de Luiz Carlos Prestes. Como se divulgava na época:

Este espaço histórico-cultural tem como objetivo homenagear e resgatar um dos fatos mais marcantes na história do Brasil, servindo como referencial para o seu conhecimento e divulgação (TAVARES, 1996, p. 4).

Com a criação do novo espaço de memória do município, havia objetivos econômicos através do turismo, que se pautava em projetar Santo Ângelo nacionalmente. Prevendo o aproveitamento cultural do Memorial Coluna Prestes, a imprensa santo-angelense já fazia a projeção de como o local seria útil.

Formado pelas duas obras de arte e mais um completo museu, o Memorial santo-angelense se tornará uma visita obrigatória para uma vasta legião de pessoas que querem conhecer cada vez mais sobre a história de Prestes (JORNAL DAS MISSÕES, 1996, p. 2).

Principalmente o periódico Jornal das Missões, de propriedade da família do Prefeito Adroaldo Loureiro, comemorava os benefícios que o Memorial Coluna Prestes traria para Santo Ângelo. Tais benefícios não estavam relacionados apenas ao desenvolvimento cultural da cidade através da valorização do passado em um novo lugar de memória, mas, fundamentalmente, tratava-se de interesses ou vantagens econômicas com o desenvolvimento do turismo na cidade, agregando novos pontos de referência turística ao município.

A cidade de Santo Ângelo também é conhecida pelo seu passado de missões jesuítico - guarani do século XVIII, com a fundação da Redução de San Angel Custódio em 1707. Apesar de não haver remanescentes arquitetônicos da Redução na cidade, boa parte do turismo gira em torno deste passado.

Inicialmente, eram os acontecimentos do passado jesuítico - guarani de Santo Ângelo que poderiam trazer benefícios, principalmente econômicos, através do turismo. Entretanto, houve a percepção de que as histórias vinculadas à Coluna Prestes e à imagem de Luiz Carlos Prestes em suas passagens pelo município também poderiam ser representadas e rememoradas, especialmente com o estabelecimento de uma expressão patrimonial ligada a essa história. Exemplo disso está exposto a seguir nas palavras de Gládis Pippi Tavares, coordenadora do Museu Municipal de Santo Ângelo, a época da implantação do Memorial Coluna Prestes, e uma das pessoas envolvidas com o projeto.

O Monumento projetado na entrada da cidade, para quem ainda não sabe foi uma doação do arquiteto Oscar Niemeyer, única obra no Sul do país, deste que é considerado por quem entende, um gênio da arquitetura no século XX, motivo que por si só, sem contar o fato histórico que motivou a sua realização, já é um marco arquitetônico para o Rio Grande do Sul, e que com certeza multiplicará a médio e longo prazo o fluxo turístico (engana-se quem pensa que o nosso turismo sobreviverá apenas das referências do período Jesuítico) [...] (TAVARES, 1997, p. 8).

Em seu artigo, Gládis destaca que o monumento projetado por Niemeyer acrescentaria em termos de pontos turísticos a cidade, aumentando o fluxo de turistas e, conseqüentemente, agregando novas expressões ao patrimônio cultural santo-angelense, visto que somente as histórias e o patrimônio ligado ao passado missionário reducional não seriam capazes de alavancar o turismo no município. Esse era um ponto fundamental sob a perspectiva de quem estava idealizando e implantando o Memorial Coluna Prestes.

Tanto o Memorial quanto o monumento de Niemeyer acabaram por se constituir em instrumentos que proporcionariam não apenas um compromisso com o passado e a memória, mas também com o desenvolvimento econômico através do turismo. Os monumentos e o patrimônio histórico adquirem dupla função – obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; bem como produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos. A metamorfose de seu valor de uso em valor econômico ocorre graças à “engenharia cultural”, vasto empreendimento público e privado a serviço do qual trabalham grande número de animadores culturais, profissionais da comunicação, agentes de desenvolvimento, engenheiros e mediadores culturais. Sua tarefa consiste em explorar os monumentos por todos os meios, a fim de multiplicar indefinidamente o número de visitantes (CHOAY, 2006).

De fato, o Memorial Coluna Prestes atualmente se constitui em um dos espaços culturais e turísticos mais visitados de Santo Ângelo, recebendo anualmente cerca de 15 a 17 mil pessoas, principalmente estudantes de todos os níveis educacionais e turistas de todas as regiões do Brasil. Entretanto, mesmo tendo passado-se mais de 20 anos de sua inauguração, e especialmente pelo momento de polarização política que o Brasil vivencia, ainda são muitas as disputas pela memória da Coluna Prestes e da atuação política de Luiz Carlos Prestes, suscitando uma série de interpretações e representações distintas acerca da legitimidade do Memorial.

3 As disputas em torno do Memorial Coluna Prestes

Desde a década de 1980, houve muitas disputas em torno do passado e das memórias ligadas à Coluna Prestes, o que evidencia o quanto são significativas estas questões nas relações entre passado e presente, para que possamos compreender os impactos que isto possui nos discursos, nos imaginários e na criação de espaços voltados para a construção e representação das memórias.

A memória coletiva é amplamente regulada, tanto pela oralidade quanto pela escrita, e possui relevância no que se refere ao entendimento que as pessoas têm acerca do passado. De acordo com a ideia de Halbwachs (2006, p. 32): “É comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida”. A tentativa de influenciar a memória coletiva faz parte de um processo que tem por finalidade atuar no imaginário, através das representações produzidas pelos diferentes grupos da sociedade. Esses aspectos são sentidos frequentemente em relações que fazem parte dos embates pelo poder, principalmente o político.

No que se refere às representações sociais, Chartier (2002, p. 66) afirma que:

[...] representar é fazer conhecer as coisas imediatamente pela ‘pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e pelos gestos’, por algumas figuras, por algumas marcas – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias.

Para o autor, as representações sociais podem ser concebidas como algumas das respostas que as coletividades dão aos seus conflitos, divisões e opiniões manifestadas distintamente, constituindo uma força reguladora da vida cotidiana e coletiva, pois é no centro das representações e dos imaginários que o problema da legitimação do poder e da afirmação dos grupos se encontra. Aqueles grupos que conseguem definir os canais de representação, inclusive a interpretação atribuída ao passado, também detém o poder de impor a visão e a divisão do mundo social que melhor lhes convém (POMMER, 2009).

Tanto o passado da Coluna Prestes quanto a trajetória política de Luiz Carlos Prestes ao longo do século XX, bem como o próprio Memorial Coluna Prestes, foram representados especialmente através dos meios de comunicação impressos de Santo Ângelo, evidenciando os embates pela construção da memória.

Apesar de na década de 1990 a democracia estar restabelecida, havia ainda a manifestação contrária de grupos políticos quanto aos assuntos ligados à Coluna Prestes e a Luiz Carlos Prestes, especialmente pelo fato de Prestes ter sido uma das principais figuras políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) por quase cinquenta anos.

Em 1984, Prestes esteve em Santo Ângelo para um evento em comemoração aos 60 anos da Coluna Prestes, o qual ficou marcado por forte embate entre setores políticos que ora apoiavam a figura política de Prestes, ora o repudiavam por sua ligação com o comunismo.

A vinda de Prestes a Santo Ângelo acontecia em um período marcado pelo processo de transição do regime militar para a redemocratização política no Brasil. Desse modo, as disputas entre setores que divergiam estavam acirradas em todo território nacional. A iniciativa de convidar Prestes para um encontro em Santo Ângelo foi idealizada, inicialmente, pela Sociedade dos

Engenheiros e Arquitetos de Santo Ângelo (SENASA). Entretanto, tendo em vista o contexto social da época e a importância política de Luiz Carlos Prestes, o evento acabou ganhando proporções maiores e passou a contar com o apoio da Fundação Missioneira de Ensino Superior (FUNDAMES), movimentando também intelectuais e setores progressistas em geral (MEIHY; BIAZO, 2002).

O evento teve como objetivo rememorar os acontecimentos rebeldes de 1924 e que deram origem a Coluna Prestes. Tal evento passou a ser divulgado como "Coluna Prestes – 60 anos depois". Neste momento, verifica-se a iniciativa de grupos políticos da sociedade santo-angelense em utilizar a representatividade de Prestes, pois:

[...] aquele era um momento em que a presença de Prestes era requisitada em vários lugares do Brasil, por várias instituições, meios de imprensa e intelectuais, preocupados com os desdobramentos políticos do país [...] (MEIHY; BIAZO, 2002, p. 14).

Assim, começaram a ser produzidas as representações em torno das ações políticas de Luiz Carlos Prestes. Porém:

[...] era um período, pois, ainda desconfortável para a implementação de propostas que pretendiam enfrentar os setores conservadores da sociedade que apoiavam a permanência do regime ditatorial (MEIHY; BIAZO, 2002, p. 14).

Por outro lado, grupos políticos ligados ao Partido Democrático Social (PDS) eram a maioria na Câmara de Vereadores do município em 1984. Dessa forma: "[...] o retorno de Prestes a Santo Ângelo foi, contudo, um evento polêmico em nível local, pois havia sido marcado pela resistência das alas mais conservadoras da cidade [...]" (MEIHY; BIAZO, 2002, p. 14). A negativa deste grupo ficou explícita quando, "[...] a Câmara Municipal de Vereadores negou o título de cidadão santo-angelense a Prestes, durante aquela sua visita a cidade" (MEIHY; BIAZO, 2002, p. 15).

Naquela visita de Prestes a Santo Ângelo ficava claro o quanto sua figura política era interpretada de maneira controversa, e representada conforme grupos políticos identificavam-se ou não com o passado da Coluna Prestes, sua militância política no PCB e com o que ele simbolizava enquanto figura política na situação que o Brasil vivia em 1984.

Passados aproximadamente dez anos da última vinda de Luiz Carlos Prestes a Santo Ângelo, iniciou-se uma nova fase de rememoração e negociação com o passado da Coluna Prestes na cidade. Adroaldo Loureiro, Prefeito de Santo Ângelo pelo PDT, liderou este processo. Cabe destacar que Loureiro havia sido Vereador quando da passagem de Prestes por Santo Ângelo em 1984 e um dos apoiadores a concessão do título de cidadania honorária a Prestes, o qual foi rejeitado na Câmara. No final dos anos 1980, Prestes chegou a declarar apoio a Leonel Brizola, líder histórico do partido, além de ter sido aclamado Presidente de Honra do PDT.

Luiz Carlos Prestes havia falecido em março de 1990, e nessa aproximação que teve em seus últimos anos de vida não apenas com Santo Ângelo, mas com o partido do então Prefeito, em 1996 é que se possibilitou ainda mais a concretização do Memorial Coluna Prestes. Conforme o verificado no periódico Jornal das Missões, em matéria publicada no ano de 2002:

Apesar da relevância histórica, apenas a partir de 1993, na administração do hoje deputado Adroaldo Loureiro, é que a rica história de Prestes começou a ser resgatada no município que viu nascer a Coluna Prestes (JORNAL DAS MISSÕES, 2002, p. 11).

Por outro lado, também houve resistências em relação ao Memorial Coluna Prestes em Santo Ângelo, e essas resistências eram sentidas desde a década de 1980, como já evidenciado anteriormente quando da vinda de Prestes a Santo Ângelo em 1984. Em depoimento ao Jornal das Missões, o professor Valmir Muraro, que fez parte da organização do evento em 1984, relata a ideia que se tinha acerca do comunismo.

Os comunistas eram vistos como pessoas de uma periculosidade até assustadora. Eu lembro que nas escolas depois de 64, antes do início das aulas a gente rezava pedindo a Deus que nos libertasse das ameaças do comunismo. As professoras diziam que o comunismo viria tirar os animais e as terras dos colonos. Certamente esta visão anticomunista associada à figura de Prestes o transforma num vilão (MEOTTI, 2009, p. 5).

O principal argumento utilizado para representar o Memorial Coluna Prestes como algo desnecessário para Santo Ângelo esteve vinculado à ideia de que se estaria desperdiçando dinheiro público para homenagear um comunista. Até hoje, o Memorial Coluna Prestes não é uma unanimidade em Santo Ângelo. Exemplo disso está expresso nos escritos de um colunista do jornal "A Tribuna Regional", de propriedade da família de Valdir Andres, ex-prefeito de Santo Ângelo e adversário político de Adroaldo Loureiro, em que o mesmo expressa todo o seu descontentamento em relação à figura política de Luiz Carlos Prestes e o Memorial Coluna Prestes.

Para vergonha e repúdio da nação, o nome de Luiz Carlos Prestes, covarde assassino e vendilhão de sua pátria, é dado a logradouros públicos, por indicação de autoridades executivas ou de políticos levianos e oportunistas, sem o menor sentimento de patriotismo. Certamente, desconhecem a verdadeira história ou esposam ainda filosofias sanguinárias e ditatoriais. Em nossa querida Capital Missioneira, usamos e veneramos o nome e a figura de Prestes, para fins turísticos, com o argumento de que quando iniciou a marcha, hoje denominada "Coluna Prestes", este ainda não era militante do comunismo internacional e defendia ideais, digamos, mais "patrióticos" (MULLER, 2009, p. 6).

Mesmo que o Memorial Coluna Prestes esteja afirmado na cidade de Santo Ângelo enquanto um espaço de memória, de resignificação do passado, de usos culturais, econômicos ou políticos, ele ainda é um espaço em debate, o que gera e pode gerar representações a favor ou contra o local.

4 A memória como um campo de construção e litígio

A situação do Memorial Coluna Prestes em Santo Ângelo evidencia o quanto a memória é um campo de litígio, de disputas e de batalhas por sua construção que venham a promover a lembrança ou o esquecimento. Ao mesmo tempo em que se ativou a memória do passado da Coluna Prestes e se construiu um lugar de memória, também se negou tudo isso.

Assim, a memória que se constrói acerca de eventos ou personagens do passado acaba por assumir uma posição fundamental no processo de estabelecimento e representações de acontecimentos, personagens ou expressões do patrimônio cultural. Sendo amplamente assediada através de discursos de diferentes grupos ou instituições, a memória pode afirmar, alterar ou criar concepções que dizem respeito a eventos do passado rememorados no presente, estabelecendo, dessa forma, a relação entre passado e presente. (LE GOFF, 1996).

Conforme Le Goff (1996, p. 426), "a memória coletiva foi colocada como um importante instrumento na luta das forças sociais pelo poder". Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações dos grupos sociais, e as ativações ou esquecimentos são mecanismos da memória coletiva. Mais do que falar em memória individual ou coletiva, também é importante refletir sobre a ideia de que falamos de apropriações do passado e seus usos sociais no presente (FERREIRA, 2012).

Na época de implantação do Memorial Coluna Prestes, entre 1994 e 1996, o passado da Coluna Prestes foi utilizado como referência para a construção de um lugar de memória que pudesse não apenas se constituir em um marco relacionado ao fato de que aquilo que viria a ser a Coluna Prestes a partir de 1925 teve seu embrião em Santo Ângelo, sob a liderança de Luiz Carlos Prestes, mas também que pudesse ser um novo ponto turístico para a cidade e região, sendo explorado o turismo como alternativa ao desenvolvimento econômico local. Construía-se naquele momento não apenas a memória, mas também o patrimônio.

Na relação que se estabelece entre memória e patrimônio, Guillaume apud Candau (2016, p. 158-159) defende que o patrimônio funciona como um aparelho ideológico da memória, pois a conservação sistemática dos vestígios serve de reservatório para alimentar as ficções da história que se constrói a respeito do passado. Na mesma linha, Poulot apud Candau (2016, p. 159) afirma que a história do patrimônio é a história da construção do sentido de identidade e dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais. Assim, o relicário da memória se transforma em um relicário de identidade que se busca no passado. (CANDAU, 2016).

De acordo com Dias (2006, p. 50), o patrimônio cultural simboliza a identidade cultural de uma comunidade, sendo a expressão mais explícita desta, pois ao se identificarem com determinada expressão do patrimônio, os membros de um grupo social se filiam a um mesmo agrupamento, compartilhando significados e símbolos, facilitando a produção de identidades coletivas. A memória é instância construtora e cimentadora de identidades mediante a seleção do que se recorda e do que, consciente ou inconscientemente, se silencia (CATROGA, 2015).

Durante décadas o passado da Coluna Prestes foi silenciado em Santo Ângelo, mas nos anos 1990 ele foi lembrado; e mais do que isso, com a construção do Memorial, demarcado enquanto um lugar de memória. Pierre Nora vem afirmar que estes lugares são criados porque não há memória espontânea. Eles são construídos, pois o que defendem apresenta-se ameaçado e sem vigilância comemorativa. A história rapidamente os varreria. Para o autor, se realmente vivêssemos as lembranças que os lugares de memória envolvem, eles seriam inúteis. E se a história também não se apoderasse deles para transformá-los, eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993).

Cabe ao Historiador encontrar os lugares ativos para reencontrar os discursos dos quais estes lugares foram os suportes. O que faz o lugar de memória é que ele seja um entroncamento onde se cruzaram diferentes caminhos de memória, de modo que somente ainda estão vivos os lugares retomados, revisitados, remodelados (HARTOG, 2015).

De acordo com Llorenç Prats (1997, p. 20), o patrimônio não existe na natureza, não é algo dado e nem um fenômeno universal, mas um artifício idealizado por alguém em lugar e momento para determinados fins. Em se tratando da construção da memória e do patrimônio, Prats destaca que não são processos antagônicos, opostos, mas fases complementares. A invenção refere-se, sobretudo, a processos pessoais e conscientes de manipulação, enquanto a construção social se associa a processos inconscientes e impessoais de legitimação.

Nesse caso, a invenção para se arraigar e perpetuar necessita converter-se em construção social. Reside aí o papel importantíssimo que desempenham as representações sociais como postulou Roger Chartier, na medida em que são capazes de tornar presente um objeto ausente, principalmente no que se refere ao passado, legitimando-o como parte essencial de um projeto de nação, de identidade ou como trata Llorenç Prats, de patrimônio cultural.

5 Considerações finais

Os campos da memória e do patrimônio são multifacetados e envolvem uma série de elementos que devem ser levados em consideração, tendo em vista a abordagem que se faz acerca desses campos semânticos. Nossa proposta foi buscar compreender esses campos a partir de uma perspectiva histórica que pudesse evidenciar o quanto o passado pode ser interpretado, reinterpretado e representado a partir de interesses específicos, seja de pessoas, grupos sociais e instituições, e o quanto isso pode vir a transformar o campo da memória e do patrimônio em alvos de disputa por legitimidade.

Assim, entendemos que no caso do passado da Coluna Prestes e do Memorial Coluna Prestes, implantado mais de setenta anos depois dos acontecimentos, as questões relacionadas à memória histórica da Coluna e da atuação política de Luiz Carlos Prestes suscitaram diferentes interpretações e representações acerca deste passado, tendo em vista fazer lembrar ou esquecer, tudo isso motivado por ideologias e interesses distintos na memória e no patrimônio que pudesse ser construído socialmente, tendo como referência o passado da década de 1920.

A memória e o patrimônio ligado à Coluna Prestes em Santo Ângelo constituem-se num campo litigioso, onde as representações sociais assumiram um papel importante no sentido de legitimar o que deveria ser lembrado ou esquecido, o que poderia ou não se tornar patrimônio. Situações desse tipo são recorrentes na medida em que a memória e o patrimônio são construídos e selecionados a partir de um processo de negociação com o passado; e na mesma proporção em que existem memórias e expressões patrimoniais valorizadas, dimensionadas e espetacularizadas; existem outras silenciadas, escamoteadas e esquecidas.

Além disso, mais importante do que hierarquizar memórias e expressões do patrimônio cultural, é necessário entender como se dá o processo de seleção dessas memórias e desses patrimônios, o que está por trás disso, quem está por trás disso, e quais impactos isso possui na construção das identidades e na maneira como as sociedades enxergam seu passado. Mais do que romantizar a memória e o patrimônio, é fundamental entender sua complexidade enquanto resultado de um processo de construção, seleção e disputa.

Referências

A Tribuna Regional. **Memorial à Coluna Prestes será inaugurado no dia 17**. Santo Ângelo, p. 7, 1996.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

FERREIRA, M. L. M. **Entre memória e patrimônio: A difícil gestão do passado**. In *Historiae. Revista de História da Universidade Federal de Rio Grande*. n. 3, vol.3, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Vários tradutores. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

Jornal das Missões. **Filho de Prestes visita a URI**. Santo Ângelo, p. 6, 1995.

Jornal das Missões. **Memorial a Prestes resgata a história**. Santo Ângelo, p. 02, 1996,

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

MEIHY, J. C. S.; BIAZO, G. C. F. **O retorno de Luiz Carlos Prestes a Santo Ângelo**. Santo Ângelo: Ediuri, 2002.

MEOTTI, F. **Ele nunca se conformou em aceitar a situação**. Santo Ângelo: Journal das Missões. p. 05, 2009.

MULLER, E. **Coluna recanto do sabiá**. In A Tribuna Regional. Santo Ângelo: Cad. Cultura, p. 06, 2009.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, 1993.

POMMER, R. M. G. **Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional**. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro, 2009.

PRATS, L. **Antropologia y patrimônio**. Editora Ariel, Barcelona, 1997.

PRESTES, A. L. **A Coluna Prestes**. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1997.

TAVARES, G. P. **Coluna Prestes inaugura seu memorial na terça-feira**. Santo Ângelo: A Tribuna Regional, p. 14-15. Cad. Turismo, p. 4, 1.996

TAVARES, G. P. **Memorial Coluna Prestes: a realidade**. Santo Ângelo: In Jornal das Missões. p. 8, 1997.